

A DICOTOMIA VILÃO CIENTISTA-SAÚDE AMBIENTAL COMO APORTE IDENTITÁRIO EM UM FILME DE FICÇÃO

Keylor Bronzato¹

Rosane Moreira Silva de Meirelles²

Educação Ambiental (Artes e Meio Ambiente)

Resumo

O presente texto tematiza a saúde ambiental e sua dicotomia com a figura do personagem “vilão cientista” em obras filmicas. Quais marcas da identidade vilânica são passíveis de aportes para um relacionamento inferencial com questões da saúde ambiental? O objetivo é evidenciar traços da identidade vilã como grandezas palpáveis em processos de ensino e aprendizagem relacionados ao tema. Inicialmente, foi realizada uma leitura flutuante sobre as ações de um vilão cientista no filme “O Espetacular Homem Aranha”. A partir da teoria de evolução social habermasiana, foi realizada, uma abordagem sobre os conceitos em saúde ambiental ressaltados nas ações do personagem. Os resultados apontaram para a invasão cultural, a tragédia, e o espírito científico como instigadores da biossegurança, bioética, e imagem do cientista, respectivamente. A discussão suscitada mostrou a particularidade da vilania fictícia como identidade-ciência passível de articulações com questões inerentes a Educação em Saúde Ambiental.

Palavras-chave: ficção, vilania, educação em saúde ambiental

INTRODUÇÃO

Como se dá o processo de construção identitária? Como o ser humano, o cotidiano ou mesmo um filme criam suas identidades? Tematizamos, no presente artigo, a natureza dicotômica entre o vilão cientista e saúde ambiental, entendida aqui como uma interface interdisciplinar para a harmonia dos valores ecossistêmicos da saúde, envolvendo formatos de como lidar com os determinantes ecológicos que geram problemas de saúde, e as devidas

¹ Doutorando do Programa *stricto sensu* em Ensino em Biociências e Saúde PGEBS/IOC/Fiocruz, mijolnir@gmail.com.

² Doutora orientadora no PGEBS/IOC/Fiocruz, rosanemeirelles@gmail.com.

fugas da desproblematização sobre o modelo tecno-moderno de dominação socioambiental em detrimento do poder e do desenvolvimento econômico. Problematizamos os signos da identidade vilânica observados num filme de ficção, considerando os valores culturais (o embate dicotômico vilão cientista *versus* saúde ambiental) presentes no filme e interpretações. O objetivo é pontuar características do vilão cientista em um processo de inferenciação com a teoria da evolução social habermasiana, partindo da pesquisa bibliográfica e da leitura flutuante, para elencar possíveis fundamentos para a Educação em Saúde Ambiental.

METODOLOGIA

O filme selecionado foi *O Espetacular Homem Aranha* (2012), com foco no vilão-cientista da trama, quando tecidas as inferências iniciais sobre suas características. A partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), foi realizada a pré-análise através da leitura flutuante, com a investigação focando cenas em que o vilão toma parte, explorando suas ações e diálogos nos momentos que antagonizavam com a saúde ambiental. A leitura inicial consistiu em assistir ao filme e pontuar a dicotomia vilão-saúde ambiental. Num segundo momento, foram demarcados os possíveis olhares interpretativos sobre como a identidade do vilão pode ser associada à construção conceitual de Habermas (2016) sobre características da reprodução identitária. O objetivo foi observar traços da personalidade do vilão em um processo de inferenciação com o habermasianismo acerca da evolução social: teoria que toma princípios de organização cultural, social e individual como fundamentos para a aprendizagem e desenvolvimento da sociedade, cada vez mais complexa e carente de força produtiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do filme *O Espetacular Homem Aranha*, considerando a função do vilão cientista na trama e a discussão apresentada por Habermas (2016), revelou, como primeiro traço, a **invasão cultural**. Há uma imagem de mundo ilusória que leva o cotidiano social a ser gerador de uma crise; uma estrutura de racionalidade instrumental e reducionista pré-existente, nociva; um sistema social cego por algum meio sistêmico de

colonização, seja ele o dinheiro, seja ele o poder: o que justifica o ato cultural fictício do vilão-cientista? Seria ele um personagem chave da invasão cultural, se transportada a ficção para a realidade? O que o motiva a ser um vilão e usar a sua identidade-ciência para o mal? No caso do *Dr. Curtis Connors*, o Lagarto, a falta do braço direito o leva a experimentos antiéticos num universo simbólico voltado à resolução deste problema, tendo como desprazerosa tal ausência. Os atos que ele pratica após ser vetada sua pesquisa demonstram que a força que movimenta a sua ação passa a ser combinada ao sentimento vingativo de rejeição científica. O vilão usa a si mesmo como cobaia, deforma-se num lagarto gigante, e sua nova identidade demanda que todos precisem experimentar esta ascensão; só que ele já não está mais no domínio da razão comunicativa, e sim no da invasão cultural, da colonização, vontade explícita e força orientadora do vilão, seguindo uma linearidade de cultura de desordem:

...atores e suas necessidades crescem progressivamente no seu universo simbólico. As orientações organizadoras das ações são orientadas no nível I somente quando são generalizadas na dimensão do prazer/desprazer. Apenas no nível II a satisfação da necessidade é mediada de tal modo pela devoção simbólica de pessoas de referências primárias ou pelo reconhecimento social em grupos ampliados que ela se desliga dos laços egocêntricos em direção ao equilíbrio próprio da gratificação (...) No nível III o processo naturalizado de interpretação da necessidade, que até então depende de uma tradição cultural desorganizada e da mudança do sistema institucional, pode mesmo ser elevado a objeto da formação discursiva da vontade. Com isso, a crítica e a justificação de interpretações de necessidade, para além de necessidades já interpretadas culturalmente, adquirem uma força orientadora da ação. (HABERMAS, 2016, p. 119).

Analisando a construção habermasiana citada, *Connors* ampliou sua identidade-ciência ao se envolver com os signos científicos que mais lhe eram peculiares. Ainda se via com o desprazeroso dilema da não-regeneração do seu membro em aberto; teve ajuda de um outro cientista, *Peter Parker*, que serviu de mediador do alcance da sua satisfação por ser filho de *Richard Parker*, um dos fundadores da pesquisa, servindo assim o jovem de referência indireta ao pesquisador primário; buscou a gratificação pessoal por ter sido desligado do projeto pelo provedor. Mudado o sistema institucional da pesquisa, se vê numa tradição cultural desorganizada, nos esgotos, o que elevou os níveis de interpretação da sua necessidade para muito além dela, e orientou a ação de espalhar o soro pela cidade. Estes traços de invasão cultural são dicotômicos à saúde ambiental, e colocam o vilão como agente de antagonismo à saúde, quando deseja espalhar um soro que provoca

mutações genéticas. Neste ponto, é possível um olhar sobre a biossegurança que, segundo Bielecka e Mohammad (2014), vai além de um conjunto de práticas para o manuseio de toxinas e agentes biológicos de forma segura, mas uma grandeza a ser tomada como interdisciplinar e favorecedora da proteção ambiental e saúde pública.

Ainda sobre vilania, há a figura da **tragédia**. Há um conflito de ação moralmente relevante, caso da cura para o braço do Lagarto. A tragédia é a violação de uma regra que não pôde ser moralmente solucionada, e atrai punição e culpa (HABERMAS, 2016). Se há um mergulho na moral punitiva e culposa, a tragédia se estabelece, sem que a luz no fim do túnel da moralidade seja percebida. Assim, o vilão dispensa mecanismos de defesa para dissipar o conflito inevitável, pois a tragédia moral e a ação antidialógica que perpetra invocam uma resposta heroica ao perigo de afetar a saúde humana através de um soro mutagênico. Neste ponto, é possível associar a tragédia do vilão a questões de bioética, que para Irrazabal (2015) são esforços para encontrar elementos morais comuns que possam apoiar decisões em pesquisas. Assim, moral abalada do vilão desencadeia uma culpa prejudicial e antagonica/dicotômica ao ambiente que ele deseja mutar.

Outra particularidade é a perversão do **espírito científico**, vista no vilão colonizado(r), acrítico, escravo(senhor) de um meio sistêmico dominador. No habermasianismo, este espírito valida a comunidade científica como família. Consequentemente, valida a identidade individual do cientista, num ciclo de benefícios:

O espírito é o médium em que a reflexividade do Eu é formada simultaneamente com a intersubjetividade do reconhecimento mútuo. Enquanto esse espírito permanecer particular, espírito de uma família individual ou de um determinado povo, também a identidade dos membros dos grupos individuais formada nele se fixa todas às vezes em tradições determinadas, em papeis e normas particulares. (HABERMAS, 2016, p. 137).

Se o espírito se perverte, novas tradições surgem e se fixam subculturalmente como norma. O cientista, agora vilão, assume novo papel no cotidiano. Assim, o espírito científico é a identidade-ciência coletiva do cientista. As comportas que a identidade-ciência do vilão permite abrir nos processos de ensino e aprendizagem remetem a possibilidades de ultrapassagem da situação do cientista louco e estereotipado (CRUZ, 2007), podendo ser esta característica associada a questões de ensino sobre a importância da representação do cientista, desde as mais nocivas e dicotômicas à saúde ambiental, como o caso do Lagarto, até aquelas eticamente representadas. A experiência cotidiana de

invenção identitária é o que termina acontecendo como parte do ato comunicativo, reverenciado em Pohlmann como revolução do ser humano como ser pensante:

Passaríamos, assim, a olhar a criação artística, a invenção e os processos de aprendizagem como modos de ampliar as possibilidades humanas, como algo desejável, apesar do “incômodo” que causam, ao revolucionarem o pensamento. Trabalhamos com percepções, memórias, imaginação, linguagem e pensamento abrindo comportas. (POHLMANN, 2012, p. 64).

Uma abertura imprescindível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posicionamos um vilão cientista que se opõe à saúde ambiental como aporte para processos de ensino e aprendizagem em Educação em Saúde Ambiental. A temática do vilão que intenta contra o meio ambiente e os formatos como a ficção o apresenta (invasão cultural, tragédia e perversão do espírito), num particular universo interdisciplinar de ciência e arte, podem ser tomados como linhas de ensino a serem exploradas no que tange cenários sociais de enfrentamento de crises na saúde e no ambiente; interligando a saúde ambiental (biossegurança, bioética e representação do cientista) com a ficção; e construindo ambientes de ensino que incentivem a criatividade, quando da devida apropriação das identidades envolvidas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Luís A. Pinheiro (Trad.). São Paulo: Edições 70, 2016.
- BIELECKA, A.; MOHAMMADI, A. A. State-of-the-art in biosafety and biosecurity in European countries. *Archivum immunologiae et therapeuticae experimentalis*, v.62, n.3, 2014. pp. 169–178.
- CRUZ, J. O. *Representações de cientistas na narrativa do cinema de ficção e na divulgação científica*. In: Anais do XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural. Ilhéus-BA, 2007.
- HABERMAS, J. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: UNESP, 2016.
- IRRAZABAL, G. Acerca de la emergencia y consolidación de la bioética como disciplina desde una perspectiva sociológica. *Hist. cienc. saude-Mang*, Rio de Janeiro, n.4, 2015. pp. 1121-1140.
- O ESPETACULAR HOMEM ARANHA. Direção: Mark Webb. Produção: Avi Arad, Stan Lee. Intérpretes: Andrew Garfield, Emma Stone. EUA: Columbia, 2012. 1 DVD (136min).
- POHLMANN, A. R. *Concepções sobre tempo e suas relações com os processos de criação e de aprendizagem*. In: Marques, L. et al. Tempos: movimentos experienciados. Juiz de Fora: UFJF, 2012. pp. 49-153.